

O Herói Clássico e o Homem Modelo nas Crônicas da Península Ibérica

SIMONE FERREIRA GOMES DE ALMEIDA*

Considerando a retomada de várias figuras da mitologia grega pelos medievais, nossa preocupação, nesta comunicação, diz respeito propriamente à figura do herói, pois ele correspondeu à vontade dos escritores das cortes ibéricas de enaltecer o homem que deixasse sua marca não só na sua geração, mas nas posteriores. Tendo em vista, que assim como o herói clássico alcançou a sobrevivência através dos séculos da sua fama na memória coletiva, (VEYNE; VERNANT, 1987, 30) os cronistas dos séculos XIII e XIV desejaram, alcançar a mesma glória para sua dinastia através da construção de linhagens forjadas, iniciadas com os heróis, o que motivou-se ainda mais devido ao propósito da centralização do poder na Península Ibérica (KRITSCH, 2002, 230).

No que se refere aos relatos das crônicas medievais, que se apropriam de uma imagem heroica clássica, seu sucesso ou fracasso visou também legitimar a ordem daquela sociedade. Isto porque, na história, é recorrente pensar-se a questão da figura do herói, grande homem ou líder, justamente porque se alternam perspectivas que procuram realçar ou negar a importância da influência individual no desenrolar dos acontecimentos (PASSOS, 1974). Contudo, acreditamos que, ao pensarmos a história através de uma influência individual, que “lidera” de certa forma uma época, podemos chegar a uma compreensão maior das características e tendências de uma sociedade. Sobre isto, Ricoeur afirma que, para uma grande parte das pessoas, é possível construir uma identidade de si e da comunidade que a cerca a partir de identificações com valores, normas, ideais, modelos, heróis, nos quais estas pessoas se reconhecem; portanto, para o autor o reconhecer-se “no” contribui para o reconhecer-se “com”, ou seja, as referências de uma narrativa são assimiladas e adquiridas de modo que o outro entre na composição do mesmo, o que o levou à conclusão do seguinte pressuposto: conhecer é reconhecer (RICOEUR, 1991, 147).

* Doutoranda em História medieval pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca- UNESP. Bolsista CNPQ.

A referência mais conhecida de modelo heroico no ocidente é a que decorre da mitologia homérica. Isso deve-se por ter sido criado em seus mitos, o papel do herói que permeia o mundo dos deuses e dos homens. Este herói caracteriza-se por seu hibridismo, quer dizer, é um semideus, tendo em si a dimensão de deus e de homem, forte e fraco, adulto e criança. Ele carrega o fardo de ser produto de uma *hybris*, uma desmedida, uma violação da medida, da ordem natural das coisas: ele é sempre o produto mais ou menos remoto, do acasalamento entre um ser humano e uma divindade, em geral sendo de um deus com uma mulher, mas podendo ser também de um homem com uma deusa. Isto caracteriza os seres superiores, os heróis e aristocratas, mas é também a origem da desgraça do herói nas tramas de Homero (KOETHE, 1985, 25). Sobre a peculiaridade deste herói grego, Mircea Eliade (BRANDÃO, 2002, 53) esclarece que foi apenas na Grécia que os heróis desfrutaram de um prestígio religioso considerável, alimentaram a imaginação e a reflexão, suscitaram a criatividade literária e artística. O herói grego, por natureza, deve honrar duas virtudes, a *timé*, honorabilidade pessoal, e a *arete*, a excelência, a superioridade em relação aos outros mortais, o que o predispõe às gestas gloriosas, desde a mais tenra infância ou tão logo atinja a puberdade. Além disso, são eméritos fundadores de cidades e colônias, inventando e revelando muitas instituições humanas, como as leis que governam a cidade, as normas da vida urbana, a monogamia, a metalurgia, a escrita, o canto e a tática militar. Instituem jogos esportivos, participam ativamente de guerras, da mântica - cujo objetivo é a percepção do saber e da vontade de entidades superiores para orientar o agir humano, da *iátrica* – arte de curar – e dos mistérios. E mais que tudo, em cometimentos gigantescos, varrem da terra os bandidos, as feras e os monstros.

Mas esses são tão-somente alguns traços dessa personagem tão polifórmica e ambivalente, embora prototípica de tantas atividades humanas. Observando-a mais de perto, nota-se que a beleza e a bravura de Aquiles, por exemplo, podem ser caracterizadas física e moralmente por caracteres monstruosos, afinal um herói pode aparecer com muita frequência sob características extremadas, portanto pode ser gigante ou baixinho, ter aspecto teriomorfo e andrógino, apresentar-se como fálico; sexualmente anormal ou impotente; pode ser ainda aleijado, caolho ou cego; estar sujeito à violência sanguinária, à loucura, ao ardid e astúcia criminosa, ao furto, ao sacrilégio, ao adultério,

ao incesto e, em resumo, a uma contínua transgressão dos limites impostos pelos deuses aos seres mortais (BRANDÃO, 2002, 53).

Muito diferente é a configuração da figura heroica nas crônicas medievais e, portanto, nossa análise não pode negligenciar como se dá certa miscelânea de valores no texto do medievo, o qual coloca em um mesmo plano o caráter e a moral dos heróis antigos e os valores dos cavaleiros medievais. Cumpre notar que, dada a ausência da designação “Herói” nas fontes medievais examinadas, referimo-nos a eles como “homens modelos” (nos séculos XIII e XIV) e “herói clássico”, para o herói homérico.

Nosso interesse está justamente em perceber como esse herói clássico da *Ilíada* e da *Odisséia* foi retratado nas cortes de Portugal (D. Afonso IV) e Castela (Afonso X e Afonso XI) como homem modelo. Em outras palavras, como um indivíduo especial foi construído nos textos para suprir algumas necessidades da sociedade à qual pertenceu. Tratando especificamente da Península Ibérica, focar-nos-emos nas seguintes crônicas: *Crônica Troiana*, bem como em suas contemporâneas *Crônica Geral de Espanha de 1344* e *General Estoria*. A escolha dessas crônicas deveu-se ao fato de a primeira configurar-se como o escrito mais abrangente de textos de conteúdo antigo e as outras duas por, além de serem contemporâneas a essa, conterem grande incidência de imagens heroicas nas narrativas. Essas obras foram selecionadas pelo seu compromisso comum de enaltecimento das origens dos reinos da península Ibérica. Ou seja, por buscarem valorizar as figuras reais, elas se dispõem a buscar modelos elogiosos, entre os quais, as referências heroicas antigas ainda continuam a ter um peso significativo.

A figura modelar de um herói pode ser vista através de duas perspectivas, uma que aborda a nobreza de suas ações, ou seja, o exercício do bom comportamento ou a constante escolha da opção mais virtuosa, e outra que destaca o comportamento virtuoso intrínseco a ele, ou seja, não por suas escolhas, mas por sua própria existência, que o torna um ser virtuoso a despeito do que possa ocorrer ou ser decidido em sua vida (HOOK, 1962, 130). O herói clássico corresponde ao segundo postulado, é a sua essência e não seus méritos que o fazem mais valoroso do que um mortal, por isso Aristóteles (ARISTÓTELES, 1946) afirma que somente por seu nascimento um herói pode ser física e espiritualmente superior aos homens, sendo, por isso, impossível relativizar ou naturalizar um personagem heróico (ROCHA, 2004, 139).

Ainda sobre o herói clássico, é relevante destacar que suas habilidades eram bastante diversas, pois o herói ideal de Homero é eloquente e sábio, tal como Ulisses, que é um bom exemplo deste herói sábio e racional, conselheiro de Aquiles em sua fúria. Contudo, também há os heróis coléricos – caso de Aquiles na *Ilíada* – que se mostra melhor na luta do que nas práticas intelectuais (CURTIUS, 1996, 226). Já no primeiro canto da *Ilíada*, apresenta-se a incontrolável cólera de Aquiles: “Canta, oh deusa, a cólera do pélide Aquiles, cólera funesta que causou infinitos males aos áqueos e precipitou ao Hades muitas almas valorosas de heróis[...]”(HOMERO, 2010, 7). No mesmo sentido, Agamenon se queixa do herói “Me és mais odioso que nenhum outro dos reis, alunos de Zeus, porque sempre há gostado das rinhas, lutas e batalhas (HOMERO, 2010, 14). Em contrapartida, Ulisses é citado como um sábio rei, que conduz os guerreiros nas batalhas em Troia através do comprimento das leis de Zeus; ele é o chefe supremo, que impõe sua vontade ao exército, sem perder com isso a bemquerença dos seus: “Oh Deuses! Muitas coisas boas fez Ulisses, seja dando conselhos salutares, seja preparando a guerra [...]” (HOMERO, 2010, 45).

O termo herói foi utilizado na Antiguidade para designar um homem fora do comum, principalmente por sua coragem e capacidade de se tornar vitorioso quando se deparava com uma série de dificuldades, sem que por isso contasse com a inclusão no mundo dos deuses e semideuses. Na Idade Média, contudo, o termo herói desaparece da linguagem corrente. Embora possamos considerar alguns homens modelos como heróis, optamos por chamar herói apenas o personagem cunhado por Homero, reconhecendo, contudo, que os homens modelos do medievo se identificam com os heróis por se diferenciarem dos homens comuns por algum motivo (LE GOFF, 2009, 15), e pela busca incessante durante a vida para escapar da multidão dos “sem nome” (HARTOG, 2004, 46). Entre esses se enquadram nobres como o Cid, reis como Carlos Magno, ou santos como Santiago.

Vale ressaltar, entretanto, que essas figuras modelares apresentadas nas crônicas medievais preocuparam-se em ser virtuosas e trabalharam arduamente para seguir a moral cristã, não tendo maior valor só pelo nascimento, como os heróis clássicos (VEYNE, 1984, 29). A despeito da moral cristã, os homens modelo, tanto nos textos antigos, quanto nos medievais, são vistos como eméritos fundadores de cidades, inventores de algumas instituições humanas (leis e normas sociais) e conhecedores da

escrita, do canto e da tática militar, participando, ainda, quase sempre como vencedores, de uma variedade de jogos, e apresentando-se definitivamente como os mais aptos para enfrentar os bandidos, as feras e os monstros (BRANDÃO, 2002, 53). No caso da Península Ibérica, essas características heroicas encontram-se relacionadas aos cavaleiros ou reis da Reconquista, caso do Cid (MENÉNDEZ, 1947) que trataremos adiante.

Sobre as várias funções ou características dos heróis citadas acima, uma merece destaque: trata-se do seu ofício de fundador, isto porque, para que um herói fundasse uma vila, um reinado ou até mesmo uma lei, era necessário que ele acreditasse estar trabalhando por algo novo, desprendendo-se de valores velhos e partindo em busca de uma ideia original (CAMPBELL, 1990, 190). Em outras palavras, os heróis são personagens que um dia transcenderam as normas do cotidiano, tornando-se, assim, símbolos de transformação e vida nova. Foi como essa imagem que, na já citada *Crônica Geral de Espanha de 1344*, Hércules adentrou na Península Ibérica, fundando e povoando vilas, com a ajuda de seus conterrâneos gregos:

Mas, depois que Hércules ali foi, andou buscando a terra e avistou-a e pareceu-lhe muito boa. E porém povoou uma cidade ao pé do monte Cayo [...] com umas gentes que com ele vieram da Grécia; e alguns deles eram de Tiran e os outros de Anssona, e por isso pôs nome na cidade de Tirassona e hoje em dia a chamam Taraçona (CINTRA, 1951-1961, V. II, 29).

Tal desejo de originalidade que designa a figura heroica ganha uma combinação curiosa, quando se consolida a tradição medieval, de forma que as inovações trazidas pelos heróis nas crônicas são as mesmas repetidas pela sua linhagem ao longo dos anos, ou seja, o espírito fundador dos heróis é apresentado nos progenitores de uma linhagem real ibérica, e suas atitudes são repetidas pelos nobres consecutivamente, de forma que, quando vemos no relato a descrição da fundação de uma vila por um rei espanhol, não percebemos um sentido de originalidade, pois esta se perde nos relatos das repetições praticadas pelas numerosas gerações nas crônicas.

A rigor, na falta do termo antigo herói, a figura dos nobres guerreiros, dos cavaleiros, é utilizada para designar Ulisses, Aquiles e os outros heróis de Homero. Isto

porque, na luta com os mouros pelas terras cristãs, eles foram fundamentais como líderes, contagiando os cristãos com o espírito da luta, valentia e honra. De tal modo, esse homem modelo do medievo tem uma ligação fundamental com a nobreza de corpo e alma, e sua grandeza de caráter é medida através do modo como se equilibra seu autocontrole e sua necessidade de poder, sua responsabilidade e seu comportamento audacioso; à semelhança de um fidalgo em tempos de guerra (CURTIUS, 1996, 223). A descrição de Heitor mostra bem as virtudes esperadas desse homem ideal: “foi bom cavaleiro [...] e de bom coração, e nunca achamos cavaleiro que tanto valesse em armas e em grandeza e em todas as outras generosidades” (LORENZO, 1985, 474). O mesmo pode ser dito de Hércules, que convencia os deuses a intervir a favor dos espanhóis: “Oh! Homem forte e ligeiro e piedoso, enviado dos deuses eternos para destruir os cruéis e sem piedade e livrar os que são em opressão e servidão de tiranos!” (CINTRA, 1951-1961, vol. II, 23).

O Cid, do mesmo modo, foi retratado como um homem modelo, pois, além de seu valor guerreiro, a lealdade de seus fiéis possibilitou que ele fosse firme e independente, capaz de desempenhar uma política audaciosa na guerra e nas intrigas frente ao inimigo.¹ Foi considerado virtuoso, pois tinha “grande coração”, (CINTRA, 1951-1961, v.III, 326) era “muito entendido” (CINTRA, 1951-1961, v.III, 421) e o “maior e o melhor na batalha” (CINTRA, 1951-1961, v.III, 434). Portanto, podemos considerar o Cid uma figura heroica,² devido ao fato de ser uma personagem histórica que rapidamente tornou-se legendária, principalmente pelo apelo de seu personagem na narrativa. Em outras palavras, no decorrer da leitura do texto da *Crônica Geral de Espanha de 1344*, não são lançadas dúvidas de que ele conseguiria vencer suas batalhas e escaparia de todas as emboscadas durante as descrições dos vários capítulos – e é isso justamente o que configura um herói: a certeza de que ele será excepcionalmente talentoso para sair das adversidades com sucesso. É isso que faz com que não seja desinteressante. Por isso, menos importante do que o desfecho da sua história, era acompanhar suas aventuras, já que ele vencerá todas as suas adversidades. O que importa, portanto, é a identificação do leitor com as características pessoais desse

¹ “[...] o Cid converteu-se no árbitro das disputas mouras e governou Valência quase como um rei”. (VILAR, PIERRE. **História de Espanha**. Europas, 1992. 2 ed. p. 22).

² O que faz Jacques Le Goff em sua obra **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2009.p. 16.

homem modelo (PASSOS, 1974, 26) ou seja, a ética cavaleiresca aliada aos preceitos morais defendidos por Afonso X ou D. Dinis.

Desse modo, devemos levar em conta que, de acordo com o momento, é forjado um tipo de homem modelo que se adéqua às necessidades do tempo. Considerando, pois, que a identificação e o estudo dos indivíduos que ocupam posição de liderança em determinada sociedade dizem sobre as características e tendências da mesma (PASSOS, 1974, 11) assim, quando a “*Hispania*” se empenhou em disputar suas terras com os mouros, seus heróis foram apresentados como cristãos justos e corajosos, que não desistiram enquanto não alcançaram seu propósito: vencer os infiéis. Em Portugal, com a instabilidade política gerada pela crise de 1383, será estimulada, como vemos na *Crônica Geral de Espanha de 1344*, a figura dos grandes líderes, reis e nobres que, com atitudes heroicas, acabam com as dúvidas sobre o valor da nova dinastia.³ Hércules, caracterizado como um rei na crônica escrita pelo português Pedro de Barcelos, é exemplo de como é fundamental a individualidade real, pois o rei, tal qual o herói, não pode ser substituído facilmente, o que é admitido pelos súditos de Hércules:

[...] porque muito melhor é que nós morramos do que tu, porque tu podes encontrar muitos e bons cavaleiros melhores que nós e nós nunca poderíamos encontrar tal senhor e amigo como ti, porque o rei ou senhor pode encontrar muitos e bons cavaleiros e eles dificilmente podem encontrar bom rei se o perdem (CINTRA, 1951-1961, v.II, p. 24).

Contudo, por mais virtuoso ou valoroso em sua essência, o homem modelo no medievo não pôde ser perfeito, porque a perfeição não pertence a este mundo (LE GOFF, 2009, 240) pertence ao mundo divino. Entretanto, a finalidade da existência do herói clássico e do homem modelo medieval era muito semelhante, pois ambos podiam encontrar alívio na morte se conduzissem suas vidas segundo a ética em que estavam

³ Para Lindley Cintra na *Crônica Geral de Espanha de 1344* “[...] a história do reino de Portugal se integra na história geral peninsular” [...] isto devido ao ponto de viragem, a crise 1383-1385, pelo contributo fulcral desta para a cristalização do que designa por sentimento de independência e consciência de nacionalidade. (SOUZA. Bernardo Vasconcelos. Vencer ou morrer. A batalha do Salado (1340), p.512 in CURTO. Diogo Ramada; BETHENCOURT. Francisco. **A memória da Nação**. Ed livraria Sá da Costa, Fundação Calouste Gulbenkain, 1987.

inseridos, porém, um conduzia-se pela busca da glória, o herói, e outro pela prática das virtudes, o cristão. Um tinha na mira, o mundo subterrâneo do Hades,⁴ o outro a salvação do paraíso. Não menosprezando o compromisso com a comunidade,⁵ o homem modelo na Península Ibérica configurou-se como mártir, como guerreiro e como rei, e buscou a salvação divina não somente para si, mas também para o seu povo, esta foi sem sombra de dúvida sua maior glória.

Como herdeiros dos antigos, mas ao mesmo tempo comprometidos com uma outra moral, os escritores ibéricos dos séculos XIII e XIV dissertaram acima de tudo sobre os santos e os reis, figuras emblemáticas de suas cortes e, com os cavaleiros, referências incontornáveis de um comportamento virtuoso. Esses outros “heróis”, no entanto, tem a sua valentia diminuída frente às virtudes da sabedoria e da justiça. Mas os homens modelo medievais não ambicionam a glória alcançada pelo herói homérico, movidos pela causa cristã. Os homens modelo dos *exempla* medievais, ao fim e ao cabo, submergem em uma espécie de anonimato, e o valor do relato – sob a responsabilidade do informante, do pregador, do narrador (COLEMAN, 1992, 301) – está na realização de um desígnio, o que, nem por isso, faz menos interessantes ou ricos os relatos heroicos na maravilhosa (LE GOFF, 2010) terra da Península Ibérica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Crônicas

AFONSO X. **General Estoria**. Versión galega del siglo XIV. Ed., introducción lingüística, notas y vocabulário de Ramón Martínez-Lopes. Publicaciones de Archivum, Universidad de Oviedo, 1963.

CRÔNICA Geral de Espanha de 1344. Edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra. 3 volumes. Lisboa : Academia Portuguesa da História, 1951-1961.3 volumes.

⁴ “O herói aceita morrer no combate, ultrapassar as portas do Hades e do esquecimento, contanto que obtenha, em troca, o Kléos, que viva pelo canto dos aedos e na memória social. Aquiles, escolhendo morrer diante de Troia, renuncia ao retorno (nóstos) para os seus, mas ganha, ele sabe, uma glória imperecível.” (HARTOG, François. **Memória de Ulisses**. Trad. Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte: Ed. UFMG Humanitas, 2004.).

⁵ Adeline Rucquoi fundamenta e caracteriza a realeza espanhola a partir da forte relação do homem com a terra, a reconquista e as cruzadas, a transmissão do conhecimento divino pelos monarcas e a reivindicação do conceito de *imperium*, herdado dos romanos. Caracteres que sacramentam, e segundo este trabalho heroizam também os reis da Península Ibérica. (RUCQUOI, Adeline. **De los reyes que no son taumaturgos**: los fundamentos de la realeza em España. Paris: CNRS. p. 80.)

CRÓNICA Troiana. Introd. e ed. de Ramón Lorenzo. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1985.

Estudos e obras de referência

ARISTÓTELES. **La Política.** Colécción Austral. Epasa-Calpe, 1946.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. vol. III.

CAMPBELL. Joseph; MOYERS. Billy. **O Poder e o mito.** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

COLEMAN, Janet. **Ancient and medieval memories – Studies in the reconstruction of the past.** Cambridge University Press, 1992.

CURTIUS. Ernest Robert. **Literatura Europeia e Idade Média Latina.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. In: BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega.** 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002. Vol. III.

HARTOG, François. **Memória de Ulisses.** Trad. Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte: Ed. UFMG Humanitas, 2004.

HOMERO. **Ilíada.** Trad. Odorico Mendes. Campinas: Ed Unicamp, 2010.

HOOK. Sidney. **O herói na história.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1962.

KOETHE, Flávio R. **O herói.** São Paulo: Ática, 1985.

KRITSCH, Raquel. **Soberania – a construção de um conceito,** São Paulo: Humanita/, USP, 2002.

LE GOFF. Jacques. **Heróis e maravilhas na Idade Média.** Petrópolis: Ed Vozes, 2009.

MENÉNDEZ, Ramon. **La España del Cid.** Madrid: ESPASA-CALPE, 1947.

PASSOS, Maria Lúcia P. F. **O herói na crônica de D. João I de Fernão Lopes.** Lisboa: Prelo, 1974.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro.** Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

ROCHA, Ivan Esperança. **Mito e história nas culturas judaica e cristã.** Revista de Pós-Graduação em história Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, n. 12, p. 139. 2004.

RUCQUOI, Adeline. **De los reyes que no son taumaturgos: los fundamentos de la realeza em España.** Paris: CNRS.

SOUZA. Bernardo Vasconcelos. Vencer ou morrer. A batalha do Salado (1340), p.512 in
CURTO. Diogo Ramada; BETHENCOURT. Francisco. **A memória da Nação**. Ed livraria Sá
da Costa, Fundação Calouste Gulbenkain, 1987.

VEYNE, Paul; VERNANT, J.-P. **Indivíduo e Poder**. Lisboa: Edições 70, 1987.

VEYNE. Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?** São Paulo: Brasiliense, 1984.